

SER CAPIXABA: O DISCURSO JORNALÍSTICO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA ERA DO PRÉ-SAL

Marcos Roberto Machado - Ufes
Vitória, ES, 29066-370, Brasil
marcosro_ma@hotmail.com

RESUMO

Este artigo toma como ponto de partida o caráter subalterno comumente associado ao estado do Espírito Santo que vem ao longo de sua constituição enfrentando diversos obstáculos para se afirmar como um Estado forte e representativo na região mais rica do Brasil: o sudeste. Assim, estudamos o papel da mídia capixaba, representada pelo jornal *A Gazeta*, na veiculação de discursos que inserem o ES em um processo de mudança simbólica, a partir do advento do pré-sal e dos benefícios que essa descoberta poderá trazer para o Estado.

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos este artigo destacando duas grandes mudanças que vêm ocorrendo no Estado e que estão ligadas a dois fatores principais: a nova direção política dada ao ES, no governo de Paulo Hartung; e a descoberta do pré-sal, grande camada de petróleo e gás que se estende, principalmente, pelas bacias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. A exploração desse óleo e a sua comercialização trariam grandes ganhos financeiros para esses estados, com o repasse dos *royalties* – uma porcentagem do lucro da exploração paga pelo Governo Federal às regiões produtoras. Com esses recursos, os estados produtores poderiam investir de forma sistemática em setores públicos tais como a saúde e a educação. Nesse contexto, surge o debate, que vai se estender ao longo de 2008, 2009, 2010 e 2011, sobre a partilha dos *royalties*, pois os estados não produtores se insurgiram contra uma divisão que beneficiasse em maior grau os estados produtores, defendendo uma partilha igualitária. Os estados produtores, não aceitando esse argumento, uniram-se na luta por uma partilha justa, que deveria levar em consideração toda a logística que precisa ser implementada para que a exploração do pré-sal possa ser feita da melhor forma possível, o que implicaria uma série de gastos extras, daí a defesa de um repasse maior de *royalties* para esses estados. Essas discussões permanecem, até hoje, inconclusivas.

2. SER CAPIXABA: O DISCURSO JORNALÍSTICO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA ERA DO PRÉ-SAL

Para os propósitos deste trabalho, gostaríamos de trazer as noções de Bourdieu [1] e Penna [2] de que a região e as representações que dela se fazem são objeto de lutas simbólicas constantes e de discursos performativos que instituem representações e classificações. Essas e outras pesquisas sobre discursos regionais têm enfatizado como esses discursos e representações chegam mesmo a “inventar” uma determinada região, como o trabalho de Albuquerque Júnior [3] que mostra como uma imagem

do Nordeste foi constituída a partir dos discursos folcloristas, fundados em mitos que até hoje são disseminados sobre essa região. Assim, a imagem de uma região é resultado de interesses convergentes e divergentes que perpassam agentes sociais diversos, disputas, alianças etc.

Ora, parece-nos importante considerar quais têm sido as principais representações ou imagens do Estado do Espírito Santo produzidas e veiculadas por *A Gazeta*. Com o advento do pré-sal no ES, este jornal desempenhou um papel fundamental ao acompanhar e divulgar à população cada etapa desse processo, desde as primeiras descobertas, passando pelo início da exploração e chegando até as discussões oficiais sobre a partilha dos *royalties*, no Congresso Nacional. Dessa forma, o Estado passou a ser presença constante em *A Gazeta*.

Assim, o discurso do pré-sal em *A Gazeta* parece constituir uma matriz discursiva do Estado distinta daquela que se pautava na diferença, seja em termos culturais, políticos, sociais e linguísticos. Essa matriz discursiva se baseia numa imagem de um Estado potencialmente rico e promissor, cuja repetição ao longo de vários meses cria um ambiente discursivo de unidade dos capixabas em torno da riqueza e do progresso que a exploração do petróleo na camada pré-sal podem trazer ao ES.

Acreditamos que esse discurso sobre o petróleo coloca em circulação novos referenciais para as práticas identitárias, na medida em que insere o Espírito Santo numa relação de igualdade com os outros estados. Assim, não é na diferenciação, pela exaltação das diferenças, que o ES se reconstitui, mas sim por meio de uma relação afirmada de igualdade proporcionada pelo pré-sal.

Esse discurso de riqueza é dotado de grande força convocatória para uma redefinição identitária, que se opõe aos valores de “estado subalterno” que marcaram a história da constituição do Estado. Nesse sentido, podemos pensar que se trata de um discurso performativo no sentido que Bourdieu dá aos discursos regionalistas, pois impõe como legítima uma nova cartografia

simbólica pela qual o Espírito Santo passa a integrar de direito a região sudeste, compartilhando do mesmo nível de desenvolvimento dos estados centrais do Brasil, distanciando-se dos “ares de província” que lhe reserva o país. Para Bourdieu se a região não existisse como espaço estigmatizado, não teria que reivindicar a existência:

[...] e porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que nela [região] participam podem ser levados a lutar [...] para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido das características estigmatizadas, e que a revolta contra a dominação em todos os seus aspectos – até mesmo econômicos – assume a forma da reivindicação regionalista (p. 126-127).

A importância da exploração do pré-sal no ES está intimamente ligada à recorrência do discurso sobre ele. É o tom otimista e convicto desses textos de *A Gazeta* que legitimam essa representação positiva da exploração do pré-sal e do Estado. Ao levarmos em conta a sistematicidade do discurso do pré-sal veiculado em *A Gazeta*, percebemos que o jornal entra nesse debate, assumindo uma posição de defesa contundente a favor do Estado. *A Gazeta*, assim, ganha diante da população capixaba um *status* de porta-voz, num contexto de grande intimidade com as questões do Estado. Logo, como a história de constituição do jornal está intimamente ligada à história de constituição do Espírito Santo, *A Gazeta*, ao defender o Estado, defende, também, o seu próprio papel nessa história.

Ao longo dos anos 2008 e 2009, notamos que *A Gazeta* tematiza a exploração do petróleo no Estado, sobretudo a partir do pré-sal, apresentando a repercussão dessa exploração para o desenvolvimento do Estado. Os discursos veiculados nesse período, repetidos de forma sistemática, passam a funcionar como um discurso fundador na medida em que propõem uma ruptura com os sentidos já instalados e que relacionavam o ES a um estado menor, sem grande representatividade, o Estado se mostra, agora, forte o suficiente para lutar contra as perdas dos *royalties*, inclusive se associando a outros estados. Podemos pensar, também, esse discurso fundador como aquele da campanha “O petróleo é nosso” [4], na década de cinquenta, que defendia a nacionalização do petróleo, numa clara oposição à exploração estrangeira dessa riqueza. Assim, o discurso do pré-sal reativa essa memória discursiva que relaciona o petróleo ao progresso do país. *A Gazeta* ao veicular esse discurso parece convocar os capixabas a remodelarem seus valores identitários de incerteza que marcaram a história da constituição do Estado.

Esse discurso, ao enunciar uma descoberta histórica de petróleo no ES, ao mostrar a capacidade de articulação do governo capixaba na defesa do pré-sal, ao reforçar as potencialidades do Estado em textos cuja escolha do vocabulário, dos conectivos, das variações, das citações, das metáforas, do tom etc. não parece ser aleatória, cria uma imagem positiva do Estado, uma representação de riqueza, através das percepções, apreciações, ações e

valores que veicula. Essa representação é colocada em circulação para mobilização do governo, da população e da opinião pública em torno de um (renovado) sentido de grupo, de unidade e identidade (reconstrução identitária). Assim, O *ethos* do discurso do petróleo encena discursivamente uma imagem veiculada de riqueza que serve à construção de uma identidade de grupo, uma identidade coletiva para os capixabas.

Antes da descoberta do pré-sal, os discursos de *A Gazeta* sobre a exploração do petróleo no Estado mostravam diferenças internas na distribuição das “riquezas” do petróleo: cidades e micro-regiões do Estado eram contrastadas, num discurso ambivalente de riqueza e atraso, com tom reivindicatório e fiscalizador com relação ao governo. Mas, após a descoberta do pré-sal em 2008 e ao longo de 2009, os impasses encontrados em cidades do interior, associados à distribuição irregular dos *royalties* parecem ser esquecidos em nome de uma valorização do Estado como um todo, que luta em torno de um bem comum, dentro de um contexto possível de enriquecimento, associando-se, inclusive, a outros estados cujo objetivo na “luta” é compartilhado, como mostrado em 31 de março de 2010 em reportagem de capa: *Verba do petróleo: Espírito Santo e Rio contra-atacam* [5]. Nesse sentido, Penna [6] afirma que:

Em se tratando de grupos que mantêm uma ação conjunta [...] é essencial não esquecer que as representações de identidade cumprem funções organizacionais no grupo: demarcam seus limites (*nós/eles*), estabelecem uma “comunhão” por sobre possíveis elementos de ruptura, criando simbolicamente uma unidade em torno de interesses (materiais e/ou simbólicos) ou mesmo de um projeto comum (p. 157, grifos do autor)

É curioso que três anos depois da descoberta do pré-sal, com a não definição pelo Congresso Nacional sobre partilha de *royalties* do pré-sal, uma série de reportagens publicadas este ano na *Gazeta* reassume a ambivalência dos discursos de antes do pré-sal. Textos publicados em reportagem especial de 15 de maio de 2011 com títulos como *O outro lado do Espírito Santo; Um Estado, várias realidades; Retratos do Espírito Santo, Várias faces de um Estado* [7], bem como as duas outras reportagens publicadas respectivamente nos dias 22 [8] e 29 [9] de maio que juntas constituíram a série “Retratos do Espírito Santo”, distanciam-se de um sentido homogêneo para o Estado e reafirmam as disparidades existentes entre localidades, grupos etc. A imagem de riqueza como único elemento de identificação, veiculada no discurso do pré-sal, é desfeita, e com ela o sentido de grupo se desfaz, pois não se nota mais a certeza de um bem comum que beneficiaria a todos da mesma forma. É nesse sentido, pois, que os discursos de *A Gazeta* em 2011 deixam de fixar uma imagem única de riqueza para o Estado e voltam a veicular representações e retratos ambivalentes.

Novamente as cidades do interior são retomadas por *A Gazeta*, nos mesmos moldes das discussões pré-advento do pré-sal. Esse fato parece indicar que, diante da falta de

uma decisão definitiva sobre os *royalties* do petróleo que beneficie em maior grau os estados produtores, perdem força os discursos mais otimistas, dando lugar às constatações das várias faces do Estado e às reivindicações locais. Nesse sentido, parece que o momento discursivo do pré-sal era como uma "bolha" discursiva, ainda sem muito respaldo na realidade das leis e das possibilidades financeiras.

Mas a luta discursiva empreendida por *A Gazeta* parece ter caráter emblemático na medida em que nesse processo ela passa a ostentar o papel de interventora, de reivindicadora e de fiadora de uma mudança regional que depende, no entanto, de aprovações de leis federais que insistem em desconsiderar o Estado, fato ligado a uma história de exclusão e de isolamento que não é recente. Na mesma data de publicação da recente reportagem *O outro lado do Espírito Santo*, a *Gazeta* veicula outra reportagem, intitulada *Com três pedras no caminho, Estado perde verba e empregos* [10], em que autoridades políticas capixabas comentam o caráter desigual com que os estados são tratados pelo governo federal. Os subtítulos *Por que a União não nos respeita?* e *Veja as ameaças ao futuro do Espírito Santo* mostram que no plano nacional o repasse de recursos federais ao Estado ainda está longe de ser equiparado a outros estados.

Se considerarmos que as representações identitárias existem numa relação com a alteridade, é objeto de reconhecimento pelo outro, esse texto de *A Gazeta* parece indicar que um futuro promissor do Espírito Santo ainda depende da maneira como a União e os outros estados o percebem e o inserem no contexto nacional. Mas se, como afirma Bourdieu, os defensores da identidade subalterna aceitam tácita ou explicitamente os princípios de identificação de que sua identidade é produto, os discursos de *A Gazeta* e o papel que o jornal vem tendo nesse recente embate sobre o petróleo parecem mostrar que o Estado pode não mais aceitar as condições e representações que lhe são atribuídas. Nessa perspectiva, toda a discussão do pré-sal e o sentido de riqueza que ela promete ao Estado podem significar um vetor real para a mudança no modo como o Estado e o capixaba se posicionam.

PALAVRAS FINAIS

Ao longo das reportagens de 2008, 2009, 2010 e 2011 percebemos, por fim, que as representações sociais e as identidades a elas atribuídas estão sujeitas a embates e a mudanças, isto é, podem ser disputadas e remodeladas. Nesse sentido, acreditamos que o discurso jornalístico de *A Gazeta* mobilizou recursos variados capazes de ativar processos de identificação, valorização e de reconhecimento. Em alguns momentos, deu estabilidade a uma imagem forte do Estado, capaz de funcionar como um emblema para a identificação do capixaba com uma terra de desenvolvimento; em outros mostrou um Estado

frágil interna e externamente, que tende a reforçar os valores ambíguos com os quais o capixaba se identifica. Assim, mostramos como o discurso de *A Gazeta* (re)constrói constantemente um Espírito Santo de valores, crenças e atitudes, aspectos, que funcionam como marcas de uma região, de um estado, de uma população. Logo, na medida em que *A Gazeta* veicula discursos sobre o ES, ela também desempenha um papel fundamental na perpetuação e transformação da história de constituição deste Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- [2] PENNA, Maura. **Identidade Social, Linguagem e Discurso**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco: Brasil, 1997
- [3] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999
- [4] ABREU PENNA, Lincoln de. Os panfletários da república: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista In: **ALCEU, Revista de Comunicação, Cultura e Política**. V.4, n.7- p. 83 a 98 – jul./dez. Rio de Janeiro: PUC, 2003
- [5] ZANDONADI, Denise. Verba do petróleo: Espírito Santo e Rio contra-atacam. **A Gazeta**. Vitória, p. 13-15, 31 março de 2010
- [6] PENNA, Maura. **O Que Faz Ser Nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo"** Erundina. São Paulo: Cortez, 1992
- [7] FERNANDES, Vilmaria. O outro lado do Espírito Santo. Reportagem especial. **A Gazeta**. Vitória, p. 12-13, 15 maio de 2011.
- [8] FILHO, Abdo. A cidade de Luiz tem futuro. A de Helder nem tanto. **A Gazeta**. Vitória, p. 22-23, 22 de maio de 2011.
- [9] VOGAS, Vitor. Progresso? Eles não conhecem, nunca viram. **A Gazeta**. Vitória, p. 24-25, 29 de maio 2011.
- [10] BRIDI, Rita. Com três pedras no caminho, Estado perde verba e empregos. **A Gazeta**. Vitória, Caderno de Economia, p. 19, 15 maio de 2011